



LHM

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

TEMPOS EM FRICÇÃO: DESBORDAMENTOS E TRANSFORMAÇÕES DA FICÇÃO HISTÓRICA

Stanis D. Lacowicz * 1

*Instituto Federal do Paraná (IFPR)

e-mail: stanislac@gmail.com

Marilene Weinhardt* 2

*Universidade Federal do Paraná (UFPR)

e-mail: weinhardt@ufpr.br

Um mergulho no baú de antiguidades, no armário antigo, no álbum de fotos, no arquivo. Algumas das tantas ações em que nos colocamos diante de um conjunto disperso de objetos, perspectivas e sentimentos que tentamos ordenar para dar-lhe um sentido, seja um significado ou leitura, sejam seus elos e direções. Encarnando essas atitudes organizadoras, a ficção histórica, enquanto gênero literário, pode ser compreendida a partir desse tensionamento de diferentes épocas e temporalidades, segundo Célia Fernández Prieto, em *Poética de la novela histórica* (1998). Estas relações, por sua vez, tomam corpo em distintas modalidades discursivas (romance histórico, metaficção historiográfica, romance da história recente, romance de família ou de gerações etc.), manifestações do mesmo macro-gênero, conforme Mauro Cavaliere, em *As coordenadas da viagem do tempo* (2022).

Amplia-se o alcance do gênero ao tomarmos a ficção histórica como modo discursivo e sistema de leitura e escritura, atualizável em cada nova produção. No caso brasileiro,

1 Doutor em Letras da UFPR, área de concentração em Estudos Literários. Bolsista CAPES. Estágio de doutorado sanduíche na Universidade de Estocolmo (2018-2019). Mestre em Letras (2012) pela Unesp, campus de Assis, área de Literatura e vida social. Graduado em Letras Português-Inglês (2009) e Letras Português-Espanhol (2016) pela UNIOESTE/Cascavel. Minha pesquisa está centrada nos seguintes temas: ficcionalizações de D. Pedro I, teoria e análise da personagem, ficção histórica, carnavalização, picaresca, Dom Juan. Atuei como professor colaborador da Unioeste, campus de Cascavel, entre 2013 e 2015 e entre 2022 e 2023. Participante do grupo de pesquisa Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura e nas Diversas Linguagens e do grupo de pesquisa Estudos sobre ficção histórica no Brasil. Professor de língua portuguesa e língua espanhola no IFPR/Telêmaco Borba.

2 Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Paraná (1973), mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1982), doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1994) e pós-doutorado pela Universidade de Lisboa (2006). Atualmente é professor sênior da Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira. Atuando principalmente nos seguintes temas: ficção histórica, ficção brasileira contemporânea, romances do Sul.



alguns nomes emergem como paradigmáticos, como Silviano Santiago, Ana Miranda, Heloísa Maranhão, Luís Antônio Assis Brasil, figuras já clássicas às quais se unem mais recentemente autores como Micheliny Verunschik, Eliane Alvez Cruz, em lista que só tende a crescer. Para além de romances, outros gêneros e linguagens, como as histórias em quadrinhos, lançam mão de procedimentos discursivos que permitem compreendê-los como ficções históricas, como é o caso das obras *Angola Janga* (2017) e *Mukanda Tiodora* (2022), de Marcelo D'Saete. São trabalhos em que a imaginação e o traço alcançam força política e estética, a partir da pesquisa histórica articulada por uma narrativa que dará corpo, pelo desenho, ao não verbalizado da história. Seja qual for o formato, o olhar sobre a(s) História(s) nos dá sempre indícios tanto sobre como a época é compreendida como sobre a forma pela qual ela é narrativamente (re)figurada, falando do que inquieta tanto escritores quanto leitores.

Em “Uma poética da ficção histórica de Dinah Silveira de Queiróz”, de Ana Cristina Steffen, abordam-se as ficções históricas *A muralha* (1954), *Os invasores* (1965) e *Margarida La Rocque: a ilha dos demônios* (1949), a fim de, pela leitura conjunta, traçar uma poética histórico-ficcional da autora, destacando as afinidades dessa obra com a ficção histórica contemporânea, pelo protagonismo de personagens femininas, pelos usos ativos da intertextualidade, pela crítica às práticas coloniais e, principalmente, pela problematização do próprio ato de narrar.

O texto “A escrita diarística de Deolinda Rodrigues”, de Eliane Rosa de Góes, aborda a construção da escrita da referida militante, socióloga e escritora, figura marcada pelo inconformismo e engajamento, atuante pela luta pela libertação de Angola. O texto toma por objeto o “*Diário de um Exílio sem Regresso*”, organizado pelo irmão de Deolinda, analisando a presença do trauma e do testemunho, enquanto material que sobreviveu à vida de sua autora, mantendo o registro da violência da guerra e da opressão.

Tendo como base as proposições de Lukács sobre o drama histórico, o artigo “Do histórico ao ficcional: uma leitura de *Queimados*, documento cênico”, de Edna da Silva Polese, aborda a peça teatral *Queimados*, publicada em 1977, por Luiz Guilherme Santos Neves, que tem por base uma insurreição organizada por um grupo de escravizados em 1849, no município da Serra, no Espírito Santo. O autor da peça a concebe como documento cênico que busca a manutenção da memória e história do Brasil em relação à escravidão, dando destaque às falas e à presença dos cativos, tradicionalmente negligenciadas.



O estudo “A reinvenção da conquista: metaficção historiográfica e transculturação em *El largo atardecer del caminante*”, de Paulo Guilhermino dos Santos, busca abordar esse romance a partir dos conceitos de Hutcheon e Angel Rama, para analisar a subversão do discurso histórico sobre a colonização, operada por uma narrativa que lança um olhar divergente sobre a história, sobre o encontro entre culturas e, principalmente, sobre como esse encontro transformou as identidades de ambos os lados do violento processo (os indígenas e os europeus).

A partir dos conceitos de grotesco e do absurdismo, o artigo “Alegorias do absurdo: reflexões sobre o grotesco nos contos “Copacabana” e “Anos de chumbo”, de Chico Buarque”, de Roberta Gamborgi Vallim Lehmann, trata do processo de releitura da história da ditadura civil-militar a partir da chave interpretativa da alegoria, no caso, do absurdo da história. O grotesco e o absurdo são as lentes que permitem, como coloca a autora, desestabilizar convenções, assim como refigurar de um modo particular os acontecimentos e personagens históricos.

Jogando com os conceitos de romance da história recente e autoficção, Mauro Cavaliere apresenta o texto “Tipologia das personagens, pacto narrativo ambíguo e contiguidade de universos narrativos em *Nocturno de Chile* de Roberto Bolaño”. A hibridez e oscilação genérica do romance de Bolaño é posta em destaque, assim como o pacto narrativo ambíguo que ele propõe, sugerindo uma contiguidade entre realidade e ficção que acomete a figuração das personagens e sua tipologia, oscilantes entre o mundo ficcional e o real.

Voltando-se para o romance histórico romântico, o texto “A questão da identidade nacional no romance histórico *As minas de prata*, de José de Alencar”, de Priscila Célia Giacomassi, aborda como a obra, a partir das personagens periféricas, constrói imagens de um perfil brasileiro, valorizando a defesa da pátria e seu privilégio em relação aos interesses pessoais. Objetiva-se compreender como a ficção de Alencar busca, por meio da fabulação e da construção simbólica, a construção da identidade nacional, criando imagens do país e de seu povo.

Em “Memórias clandestinas e o trauma do calabouço. *La casa de los conejos*, de Laura Alcoba: um testemunho sobre a ditadura militar na Argentina”, Claudia Lorena Vouto da Fonseca analisa a obra indicada no título, visando examinar como se manifestaram em discursos as experiências de sujeitos submetidos à repressão no período da ditadura militar



no país da escritora. O exame busca apreender a situação das vítimas desaparecidas e os efeitos do apagamento desses indivíduos sobre seus filhos.

Jéssica Marroni Fortuna recorre à teoria sobre arquivo e fabulação crítica de S. Hartman, para analisar os romances indicados no título “Escrevendo com e contra o arquivo: a fabulação crítica em *Beloved*, de Toni Morrison, e *The invention of wings*, de Sue Monk Lidd”. A proposta é examinar o uso da narrativa literária com o intuito de usar o imaginário para criar o que a história oficial não conta.

“A historicização da ficção em *A brasileira de Prazins*”, de Katrym Aline Bordinhão dos Santos, busca detectar os efeitos de fusão e de distinção entre história e ficção no romance de Camilo Castelo Branco. Narrando o modo como o suposto reaparecimento de D. Sebastião na região do Minho afeta a vida de uma personagem, o narrador problematiza os conceitos de ficção e história explicitamente, de modo a diferenciar a história “do coração” e o que “a história quiser contar”, para usar as expressões do próprio escritor.

O estudo apresentado por Heloisa Juncklaus Preis Moraes, “Lugares imaginados (e vividos): reflexões sobre a imigração em *Nur na escuridão*, de Salim Miguel”, busca apreender como se realiza a mítica da terra prometida no romance do escritor catarinense. A saga da família libanesa que migra para o Brasil é submetida a análise da perspectiva da teoria do imaginário de Gilbert Durant e do conceito de topofilia de Yi-fu Tuan.

Como se vê, comparecem neste dossiê trabalhos com abordagens diversas, que pensam a ficção histórica como potência narrativa e em distensão, tratando de obras que incorporam diferentes relações com o discurso histórico; pesquisas que tratam de obras que estabelecem um pacto de leitura ambíguo, híbrido e oscilante, tomando o historiográfico como intertexto e ponto de partida. Os trabalhos atentam, além disso, a como o passado emerge no presente com diferentes ritmos e força, bem como quais são os passados tradicionalmente escolhidos para serem apresentados. Trata-se de análises de textos em que o histórico e o ficcional se conjugam, assim, tanto como suplementação, suplantação, subversão e/ou diálogo crítico. Igualmente, complementam a coletânea estudos em torno de obras que podem ser pensadas como autoficção, testemunho e outras escritas de si, nas quais o elemento histórico pode ser compreendido como um dos substratos principais da narrativa.

